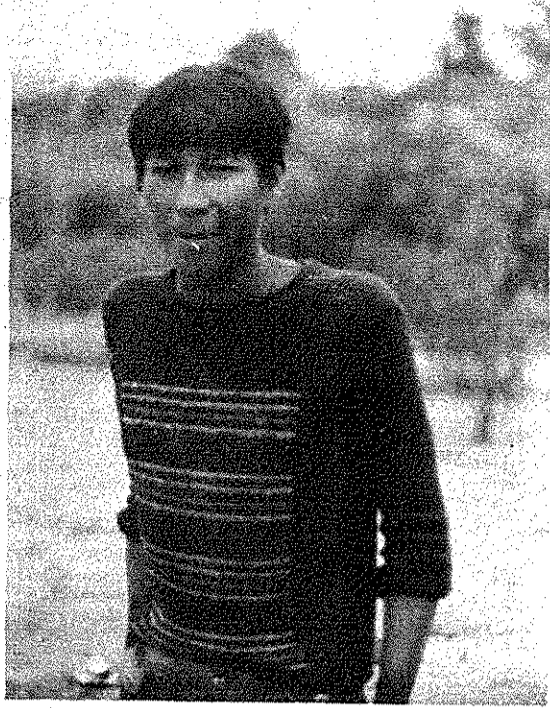


Aruaná, dança indígena perdida no Araguaia

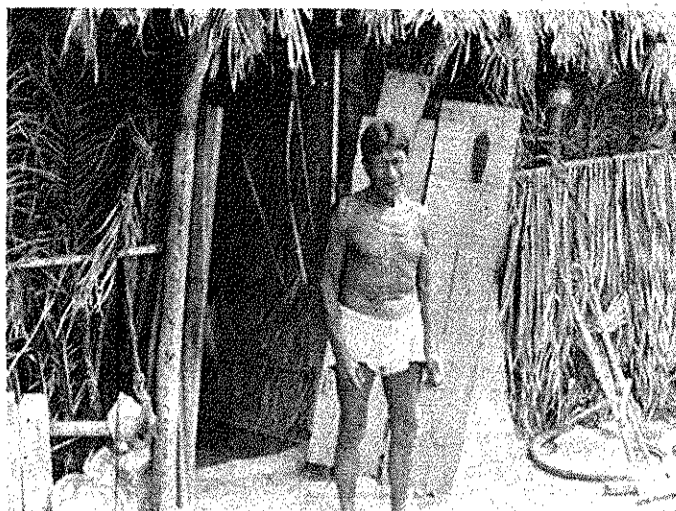
Texto de Geraldo Magela Martins — Fotos de Ewerton de Paula



Já sem o hábito da pesca, dos rituais da dança, este índio embriagado revela a situação em que o índio se encontra



Nesta casa feita de folhas de coqueiro com pedaços de plástico e zinco, esta índia espera um filho carajá que virá ao mundo, onde os índios já não são mais os donos da terra



Lavauri, um carajá diante da velhice, longe dos seus costumes e da vida indígena

Quando penetramos no sertão brasileiro, nossas expectativas são as mais variadas. Encontrar o verde em abundância, água cristalina, pássaros coloridos, barulho de folhas secas, animais ferozes, índios com flechas, com adornos de penas, dançando numa selva tropical, entre outras, as milhares de expectativas que hoje nos fazem lembrar. Mas, na realidade, isso não passa de uma ilusão, de uma fantasia cultural, desfeita ao penetrarmos no interior do Brasil, nas áreas ainda verdes, menos habitadas. Os pássaros parecem ter ido embora, o índio já não dança suas festas, os animais são raros. Se nos perguntarmos o porquê desta mudança, a resposta será: o causador dessa transformação sertaneja é o "homem branco". Os pássaros foram mortos pelo homem, os índios foram desapropriados, as matas queimadas. Ai nasce uma outra pergunta: "Que bicho é esse homem branco?"

Penetrando pelo Sertão, já não encontramos a mata descrita nos livros, mas os pequenos arraiais já são muitos, e a pobreza é intensa. A situação torna-se mais chocante quando deparamos não com índios, "numa vida indígena", mas com índios que são mistura de homem da cidade com homem selvagem. Eles já não usam mais cocares, não usam flechas, não usam urucum. Mas assistem televisão, embriagam-se com facilidade, já não trabalham a terra, mas mendigam um "trocado", estão com roupas comuns, sujas, com dentes cariados e, além do mais, tristes como quem está exilado de sua terra.

Quando tomamos o caminho que nos leva para as terras de Goiás, ainda vamos encontrar paisagens, verdes, alguns pequenos animais saltitando pelo caminho, coisa rara, piados de pássaros. Mas não é raro encontrarmos pequenos lugarejos com casas feitas de adobe, onde mora gente pobre, contrastando com fazendas que perdem de distância as suas terras. É bastante nítida a diferença das pessoas nestas regiões. Pessoas pobres, que moram em terras ricas, de proprietários ricos, que moram na cidade de São Paulo ou em outra grande metrópole.

Quando caminhamos para a divisa do Mato Grosso com Goiás, vamos navegar nas águas do Araguaia, rio que nasce na Serra dos Caiçós, divide-se em dois braços, para formar a maior ilha fluvial do mundo: Bananal, onde fica o Parque Nacional do Araguaia.

Numa das margens do rio Araguaia, do lado de Goiás, está a cidade de Aruanã.

Aruaná foi fundada pelo doutor em Matemática, João Batista de Castro Moraes Andas, no ano de 1850. Seu primeiro nome foi Leopoldina, em homenagem à esposa do Imperador, e mais tarde passou a chamar-se Aruanã.

Em Aruanã está um grupo indígena — Carajá, em péssimas condições de vida. Esses índios no passado possuíam um dos mais belos rituais de dança. Uma de suas danças mais bonitas recebeu o nome de um peixe do rio Araguaia, que os Carajás consideravam sagrado — Aruanã, e, mais tarde, nome do lugarejo.

O índio Carajá, em noite de lua cheia, dançava, evocando ao peixe aruanã para que proporcionasse à tribo melhores pescas e colheitas, enfim, abundância e fecundidade.

Quem nos fala desses índios é João dos Santos Melo, morador de Aruanã: "O peixe que dá origem à dança é parecido com o pirarucu, tem nadadeiras compridas e é encontrado nos lagos do médio Araguaia".

A festa do Aruanã dura dois meses. Seu início se dá com o florir do ipê roxo e termina com o desflorar do mesmo.

Os Carajás, com indumentárias de palha cobrindo todo o corpo, com maracás, dançam com suas mulheres que não cantam, pois cantar cabe aos homens. Elas são enfeitadas com colares de dentes, sementes e penas.

A dança inicia-se somente com homens, defrontando-se em duas alas compridas. Em seu livro "Danças no Brasil", Felicitas relata: "No aruanã, os homens, com os braços entrelaçados pelo pescoço, aproximam-se e distanciam-se em passos ligeiros. Depois dissolvem as filas para formar círculos e assim, ora em fila, ora em círculos, até que, vindos do lado do rio, surgem novos dançarinos, mascarados, com vestimentas grotescas, mas belas ao mesmo tempo. Estes dançarinos são escolhidos entre os homens solteiros da tribo. E então, a vez das índias também solteiras, que vão ao seu encontro, cheias de mesuras e bambolêos harmoniosos, simulando avançar e recuar, friccionando ao mesmo tempo o ventre com as duas mãos e de olhos pregados no chão, como recostas de reconhecer os estranhos personagens. Afinal, ao encontrarem-se com os aruanãs, seguem-nos a respeitosa distância, em caminho à aldeia. Ao som do choalhar dos maracás e cantos estridentes, violentos e chorosos, executam os passos mais difíceis, pelos inesperados e volteios mirabolantes, querendo explicar, nesta pantomima grotesca, narrativas de amor, vitória e guerra".

São estes os dançarinos do aruanã, que hoje não mais dançam, que vivem totalmente hostilizados nas margens do rio Araguaia. Hoje, casam-se com "brancos", adotam costumes, crenças e vícios dos homens civilizados como se fossem seus.

João de Melo, que vem acompanhando este grupo dos Carajá da cidade de Aruanã, diz que eles viviam da pesca, não tinham agricultura, somente plantação de melancia. Hoje, estão sem nenhuma assistência. "Os que estão na ilha do Bananal têm a assistência da FUNAI, mas estes aqui vivem completamente desolados. Os índios, se não vão para os postos da FUNAI, acabam morrendo na miséria. Infelizmente, eles assimilaram dos homens civilizados os vícios e a prostituição".

Continua ele: "A maior parte deles são alcoolatras. Estão se estragando na pinga. É necessário uma comunidade, só deles, por exemplo, uma pequena colônia agrícola".

A caça e a pesca, para o índio, não são proibidas. O que hoje acontece em Aruanã é que esse índio é explorado pelos homens civilizados. O turista levou para o índio material de pesca, fazendo do índio um intermediário para o comércio.

O índio pesca, para os civilizados ven-

derem nas grandes cidades. Em troca, recebe cachaca, cigarro, revistas. "O índio entrou no mundo capitalista", entrou no mundo da exploração da sociedade capitalista.

J. Melo que "além de tirar dele as condições de lavar a terra, o homem civilizado trouxe os vícios. Hoje, estamos diante de um índio que está vivendo um grande conflito".

Esse conflito está explícito quando os carajás, crianças, vão à escola. A nova adesão aos valores civilizados faz com que a discórdia seja o clima entre os velhos Carajás e as crianças e adolescentes Carajás. É uma discórdia que passa a ser interna, na própria vida dos Carajás, na medida em que os mais novos já não veem com bons olhos os valores de seus pais.

Os Carajás são originários da Ilha do Bananal e vieram se espalhando pelas margens do Araguaia.

Em Aruanã existem cinco famílias Carajás. Arumani, que nasceu na ilha do Bananal. Diz: "Moro aqui há 17 anos, tenho esposa e quatro filhos". Ele traz no rosto dois círculos abaixo dos olhos, como sinal Carajá, distintivo do Carajá. Mora com sua família em uma casa de tábuas de um só cômodo. Só existe uma cama e colchões de capim pelo chão. Neste mesmo cômodo, que é a casa; estão também a cozinha e o banheiro. A casa é coberta com capim. Arumani trabalha como pedreiro, tem uma filha de 14 anos, que é uma bonita índia, estuda na 5.ª série da Escola dos Irmãos Maristas. Sua mãe, Jandira Dêrite, está sentada no chão tecendo uma cesta. Quando pedimos para tirar uma fotografia, ela acena que sim. Tem um rosto triste; está esperando o quinto filho. Também traz a marca do círculo no rosto. Esta marca, diz ela, "foi feita quando eu tinha 12 anos, pelo cacique da tribo".

A próxima casa é de Lavauri, batizado com o nome de João. Ele tem setenta anos, mora sozinho, vive das flechas que faz para serem vendidas em Goiás. Sua casa é muito simples e quase toda coberta de folha de coqueiro, seu fogão são quatro tijolos. Nos pergunta se somos da Ilha do Bananal. Diz ele: "Eu gosto de voltar para o Bananal, mas não tenho passagens, já moro aqui muito anos". Gosto de dançar aruanã". Depois ele canta o canto de aruanã. João já não tem dentes, seu rosto marcado de rugas revela a tristeza, a saudade da dança aruanã. Ele agora quer tirar uma foto. Depois que é tirada quer vê-la, de imediato. Quando falamos que ainda não está pronta, ele fica triste e entra para sua casa.

Mais à frente mora Luiz; outro índio, numa casa de folha de coqueiro e papelão, com folhas de plástico. Sua casa também é de um só cômodo, seu fogão também são quatro tijolos no chão, há uma porção de roupas dependuradas num canto. Seu filho vai constantemente numa bilha e retira água. Quando perguntamos porque seu filho não usava a marca do Carajá no rosto, ele respondeu: "Meu fio não vai fazer esta marca, porque eu quero educá-lo ele. Agora, fala carajá, ele vai. Eu quero que ele se seja como o branco, chofer de caminhão".

Luiz já foi casado quatro vezes, agora está casado com uma cigana. Trabalha como ajudante de pedreiro. Numa cama de casal dorme ele e sua esposa e mais quatro filhos. O mais velho tem 6 anos. Diz que, agora, "a vida do índio acabou. Nós não tem o que pesca; os bichos ficaram com medo e foi embora. Antigamente tinha peixe, e minha família fazia roça, hoje nós não tem mais terra. Os brancos chegou e tudo acabou. Os brancos que vem aqui matam os bichos, para tirar retrato, não é pra comer. Daqui a uns anos não vai ter nem um peixe. No mato eu acho mais mió prá vivê, mais fácil. Na cidade grande é ruim; mas eu já tô velho, já não dá conta".

Luiz fala que eles não recebem nada. Sabe que o governo manda objetos, alimentação, mas não chegam lá. "Antigamente", diz ele, "este mato era nosso, agora é dos outros, só tenho este pedaço aqui." Diz que as matas já estão acabando. Quando fez sua casa, andou 9 léguas pra achar coqueiro para cobri-la.

Enquanto falávamos, chegaram seus dois irmãos, que tinham por volta de 30 anos e estavam tão bêbados, que mal conseguiam falar.

Sua mulher faz balaios e cestos para vender.

A seus 50 metros dali, estava a casa de mais uma família. Quando chegamos, um índio estava deitado no chão, bêbado e sua mulher não quis falar, não quis ser fotografada.

Ao sair dali, encontramos o Irmão Elias — irmão Marista. Eles têm feito um trabalho junto aos índios, no sentido de tentar fazer perdurar os Valores da tribo, "mas, diz ele, "eles bebem muito. Eles não têm dinheiro para comprar, mas os brancos é que dão". Tanto o cigarro, como a cachaca eles têm é porque os brancos dão", continua ele. "Aqui, quando chegam mantimentos, nós mandamos para o cacique, ele é que distribui entre os seus membros. É uma maneira de respeitar sua autoridade, como chefe da tribo. O índio está triste, abatido, o único argumento para este fato é dele estar longe de seus valores, de seus costumes, de sua vida de homem do-nessa terra".

Como os Carajás, hoje os índios brasileiros são cada vez mais seres parecidos com outros brasileiros, que vestem calças e camisas (pobres calças e pobres camisas), que trabalham com enxadas e que vivem uma vida miserável.

Eles foram seis milhões, quando os europeus aqui chegaram e hoje "não são duzentos mil, ou seja, eles são tão poucos frente a cento e vinte milhões de brasileiros", que já não são capazes de defender seus direitos. Estão escravizados pelos valores dos civilizados.

O índio brasileiro tornou-se um retrato envelhecido, pouco nítido, onde a imagem não os revela a verdadeira figura que ali está. São milhões de anos de civilização, são imensos livros escritos, imensos fatos encenados, filmados, muitas leis assinadas, muitos projetos engavetados, mas uma só idéia não foi concretizada: respeitar o outro como ser diferente de cada um. Respeitar cada cultura, como expressão máxima de exigência interior e exterior de cada povo.